

O SEXO: ENTRE A EXISTÊNCIA E A DESCONSTRUÇÃO

SALIH, Sara. **Judith Butler e a Teoria Queer**. Tradução de Guacira Lopes Louro. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013, p. 103-138.

Thiago Teixeira Santos*

Esta resenha tem como escopo a verificação do capítulo *O sexo*, da obra *Judith Butler e a Teoria Queer*, de Sara Salin. A rigor, podemos dizer que toda a obra se estrutura sobre uma pergunta fundamental: “Por que Butler?” (SALIH, 2013, p.103-138). Não se apequena o eco de tal questão no capítulo escolhido, visto que ela se abre, em primeira instância, à complexidade dos enunciados filosóficos de Butler e, noutra ponta, se justifica pelo diálogo travado com grandes filósofos. Concentramo-nos na querela do sexo — à luz de Butler — como tema central de nossa investigação. A rigor trataremos deste tema a partir dos enunciados dessa importante pensadora contemporânea.

O texto que nos serve de norte apresenta uma linguagem bastante clara e, mais, coloca de modo pontual os problemas centrais das teorias de Butler. Reconhecemos que um leitor apressado considerará, a partir da leitura do texto, que suas investidas nos limites da *Teoria Queer* já alcançaram a plenitude. Contudo alertamos que, Butler não erige uma filosofia simples e, por isso, deve ser considerado o grau de complexidade das questões colocadas em relevo no texto. Ela coloca a si mesma como interlocutora e constantemente problematiza suas posições. Ademais, a leitura de seus textos requer um nível de atenção e conhecimento filosófico prévio, visto que ela empreende diálogos com filósofos de grande envergadura e detém um estilo singular de escrita.

No que tange ao sexo, podemos orientar, por ora, nosso estudo em algumas questões principais: O que é sexo? E, na mesma medida: O que é gênero? Essas duas questões deixam entrever outra mais importante: Há distinção entre estes termos? Ao assumir que

* Mestre em Filosofia pela FAJE. Professor de Filosofia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais; Faculdade de Filosofia da Diocese de Caratinga; Colégio Maximus.
E-mail: thiago_philosopho.exist@yahoo.com.br

sexo e gênero fazem parte de um conjunto estrutural de construção, Butler entende que a distância entre ambos é instável isto é,

Se aceitamos que o gênero é construído e que não está, sob nenhuma forma, “natural” ou inevitavelmente preso ao sexo, então a distinção entre sexo e gênero parecerá cada vez mais instável. Assim, o gênero é radicalmente independente do sexo. Ele “um artifício à deriva”, como diz Butler em *Gender Trouble* (BUTLER, *GT*, 1990, p. 6), argumentado que, se o “sexo” é tão culturalmente construído quanto o gênero, na verdade, talvez o sexo tenha sido desde sempre gênero, de maneira que a distinção sexo/gênero não é na verdade distinção alguma (BUTLER, *GT*, 1990, p. 7).

Fica evidente que há uma aproximação significativa, no terreno da construção social, entre sexo e gênero. Ao tratar desses elementos ficamos diante de um dado significativo: o corpo. Ele é, assim como sexo e gênero, construído, visto que ele existe a partir de um discurso *generificado*. O que isso significa? Ora, não podemos desconsiderar a existência do corpo material e dizer, de modo bastante equivocado, que não há a materialidade do corpo, mas sim, compreender que tal materialidade só pode ser compreendida através do discurso. Isso é, o discurso sobre o corpo nos lança à compreensão de sua existência.

Comprendemos que o existencialismo não é o lugar da filosofia de Butler, no entanto, o tema do corpo aparece de modo significativo, em Sartre e em Beauvoir e que são autores bastante retomados pela filósofa, mesmo que de um ponto de vista crítico, como em *Subjects of Desire* (1987) e em *Gender Trouble* (1990). Para Sartre, o corpo é facticidade, ou seja, o lugar que o homem ocupa no mundo. Reconhecemos a distância de Butler em relação a Sartre, visto que ele defende a existência do *para-si* como um sujeito que constrói a si mesmo a partir desse estado derrelição. Butler, no entanto, desconsidera a existência de um sujeito que age, mas aposta num agir que ocorre. Desta feita, ao considerar que o corpo está lançado no mundo e, mais, como lugar, situação e condição de possibilidade encontramos, talvez, um ponto de aproximação. Portanto, para Sartre, o corpo é “coextensivo ao mundo, está expandido integralmente através das coisas e concentrado nesse ponto único que todas elas indicam que eu sou” (SARTRE, 2009, p.402).

Sendo assim, o corpo assume o lugar de situação, ou seja, ele é o lugar onde se molda, se assim podemos dizer, a existência. Para Beauvoir, o corpo representa um modo de operar com o “conjunto de normas de gênero que nos foram transmitidas” (SALIH,

2013, p.105). No entanto, Salih admoesta que, para Butler, “existir” o corpo não se assemelha a “ser” o próprio corpo, visto que o primeiro enunciado assegura uma subjetividade que detém, mesmo que de forma fraca, agência de escolha em relação a matéria trabalhada.

Compreendemos, orientados por Salih, que há uma interpretação acerca do corpo e, mais, essa se dá através da *performatividade* e da *citacionalidade*. Ele, portanto, é construído através de interpelação e da construção de uma identidade pelo que podemos chamar de repetibilidade. Vale ressaltar que a noção de *performatividade* erigida por Butler encontra sua gênese em Althusser. Ele considera que a interpelação cria, ou melhor, dá o status de existência a algo.

Para Althusser, o ato de interpelar é, sobretudo, unilateral. Desse modo, quando chamamos alguém na rua, por exemplo, damos àquele alguém a “condição” de sujeito que é interpelado. Butler, no entanto, desconsidera o caráter unilateral do ato de interpelar. Sua objeção está no fato de que o script é dado pelo ato de interpelar, mas ele não pode ser colocado como superior à adesão daquele que assume representar aquilo que lhe foi dito.

Além da adesão, isto é, do ato de representar a lei que lhe foi apresentada o sujeito pode reagir a lei a fim de enfraquecê-la. Por estarmos permanentemente envolvidos nas condições de poder, cabe a nós a prerrogativa de subverter essa lei. No caso gênero/sexo há uma busca pela hegemonia heterossexual como um valor ideológico e, na mesma medida, enunciado de lei que, a rigor, apresenta um caráter interpelativo. Ora, se o corpo e o sexo/gênero estão na ordem da constituição e se esse apresenta também caráter interpelativo e performativo, compreendemos que há a possibilidade de desconstruir ou subverter aquilo que foi instituído sobre o sujeito.

O falo lésbico é, para nós, a expressão significativa dessa possibilidade. Ora, o falo não pode, segundo Butler, ser imediatamente reconhecido como pênis, pois ele é um símbolo e como tal é passível a deslocamento, ou seja,

Butler afirma que o falo é um significante “maleável” que, “imprevistamente”, pode ser usado para simbolizar qualquer conjunto de partes do corpo, performativo discursivos ou fetiches alternativos (BTM, p. 89) (...) O potencial subversivo do falo ressignificável reside na insistência feita por Butler de que você não precisa ter um pênis para ter ou ser um falo e que ter um pênis não significa que você terá ou será um falo. “ O falo lésbico proporciona uma oportunidade (uma série de oportunidades) para o falo significar de maneiras diferentes e ao fazê-lo, ressignificar, involuntariamente , seu próprio privilégio

masculinista e heterossexista,” escreve ela. (BUTLER, *BTM*, apud SALIH, 2013, p.122).

Devemos considerar que a discussão acerca do corpo e do sexo/gênero se estende e não se esgota facilmente em Butler. Podemos compreender, ainda de modo introdutório, que estes termos miram o caráter performativo do corpo e de suas implicações. O que devemos considerar é que o texto de Salih é brilhante ao esclarecer os conceitos centrais que permeiam essa discussão. Não há como desconsiderar o caráter latente de desconstrução impregnado nas teorias de Butler, ainda mais quando consideramos a possibilidade de ressignificar aquilo que fora apresentado como *pétreo* no discurso de gênero.

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. **Gender Trouble**. Feminism and the subversion of Identity. N. York. Routledge, 1990.

SALIH, Sara. **Judith Butler e a teoria queer**. Tradução Guacira Lopes Loura. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

SARTRE, Jean-Paul. **O Ser e o Nada**: ensaio de ontologia fenomenológica. Tradução de Paulo Perdigão. 23. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.